

# Somos todos filósofos: problematizando o preconceito e a concepção de filosofia

*We are all philosophers: problematizing the preconcept and the conception of philosophy*

DOI: 10.18226/21784612.v25.e020009

Jônatas Marcos da Silva Santos\*  
Ademar de Lima Carvalho\*\*

**Resumo:** O objetivo desse texto é apresentar uma reflexão sobre a filosofia enquanto práxis humana, na perspectiva da superação do preconceito de que a filosofia é uma atividade do pensamento, deslocada da vida e de suas relações com o contexto social, partindo do pressuposto de que a filosofia é uma reflexão, um conhecimento crítico da realidade. O foco de nossa reflexão destaca a pergunta filosófica como instrumento mobilizador da formação da consciência crítica do sujeito, como processo de criação e superação do preconceito de que a filosofia é uma atividade para alguns iluminados.

**Palavras-chave:** Filosofia. Práxis. Preconceito.

**Abstract:** The main purpose of this text is to present some reflections about philosophy as human praxis with the perspective of overcoming the prejudice that philosophy is an activity of the separate thought of life and from its relations with the social context. Starting from the assumption that philosophy is a reflection, a critical knowledge of reality. The focus of our reflection highlights the philosophical question as a mobilizing instrument for the formation of critical awareness of the subject as a process of creation and overcoming the prejudice that philosophy is an activity only for some enlightened.

**Keywords:** Philosophy. Praxis. Prejudice.

\* Professor Municipal em Itajaí-SC. Bacharel em Filosofia e Teologia. Licenciado em Pedagogia. Mestre em Educação pelo PPGEDU/CUR/UFMT. *E-mail:* Orcid Id: <http://orcid.org/000-0002-4873-9213>.

\*\* Professor titular I, do PPGEDU e Departamento de Educação do Campus Universitário de Rondonópolis/UFMT. Licenciado em Filosofia e Pedagogia. Mestre em Educação pela UFMT. Doutor em Educação pela Unesp/Marília. *E-mail:* [ademarl@terra.com.br](mailto:ademarl@terra.com.br) Orcid Id: <http://orcid.org/000-0001-6001-7435>.

## 1 Introdução

Encarar a filosofia como possibilidade básica da vertente teórica da práxis, que se estrutura como conhecimento e mediação, que potencializa entender o preconceito arraigado, na sociedade, de que filosofia não serve para transformação ética da sociedade constitui-se um verdadeiro desafio para produzir uma reflexão da importância da filosofia “como um pensar reflexivo, crítico e criativo”, comprometido com o processo de compreender a imersão do ser humano no mundo, é indissociável do “conjunto das relações humanas” (GHEDIN, 2008, p. 38).

Outro fator importante é compreender quais as vias para superar o preconceito de que o filosofar não é uma atividade especificamente de intelectuais, que desloca do mundo da vida, da perspectiva histórica. Para desconstruir a concepção negativa que gera o sentido e significado da filosofia como orientação da vida e de mundo, é fundamental mostrar os pontos concretos que demonstram que todos somos filósofos, principalmente, no aspecto processual da construção da consciência dialógica, na perspectiva de elaborar novos conceitos e nova ordem intelectual que protagoniza a consciência e práxis libertadora.

Neste sentido, a linguagem como expressão gestual, simbólica ou oral, na sua densidade e complexidade, demonstra que todos os seres humanos são capazes de construir significados no jogo relacional entre emissor e destinatário. A linguagem, como expressão do conhecimento feito por homens e mulheres na relação objetiva e intersubjetiva, apresenta-se como um dos mais fortes fundamentos para superação do preconceito que contraria que todos nós somos filósofos. Por isso, se uma sociedade aliena o direito natural da linguagem, por meio de maquinações ardilosas segundo os interesses de dominação, ela impede a assunção da plenitude da atividade filosófica e elevação para ordens superiores de pensamento.

É importante destacar que aqui não se trata da redução do sujeito à sua condição de linguagem destituída da historicidade e atuação política como mobilização da emancipação coletiva. Ao contrário, a filosofia constitui instrumento fundamental de mediação para esclarecimento da realidade sociopolítico-cultural em que o sujeito vive. E um sujeito esclarecido é livre para tomar decisão, porque “esclarecimento significa ser livre, possuir autonomia, ser senhor de si mesmo, por um processo de [...] melhoria moral e cultural” (HORN, 2017, p.65).

Nessa perspectiva, compreendemos que os filósofos e trabalhadores, fundamentados na tradição marxista, entendem a que existe a distinção, porém, que não quer dizer separação, entre o que se convencionou chamar, a partir de Gramsci, de filosofia científica e filosofia vulgar. Foi esse pensador italiano que, na concretude de sua luta, aprendeu que a filosofia reduzida à perspectiva de dificuldade é um sistema de ordem intelectual. Isso, porém, não era visto por ele como uma determinação ou delimitação intransponível, no campo da ação. Então, se o senso comum não é filosofia segundo os cânones científicos, isso não nos permite afirmar que “os simplórios” – para usar um termo gramsciano – não possuam uma concepção de mundo que os leve a agir e, por consequência, possam ser também considerados filósofos.

Diante da questão procuramos traçar um quadro compreensivo que permitisse tratar a superação do preconceito de que todos somos filósofos, demonstrando através da pesquisa bibliográfica que a linguagem, o senso comum e a conscientização, como processo de construção intersubjetiva, são os mais concretos elementos da capacidade de que todos nós, seres humanos, carregamos intrinsecamente os germes da produção filosófica.

A conscientização, no entanto, recobre uma centralidade nesta pesquisa, pois concluímos que ela engloba os aspectos necessários para superação do preconceito, dando-lhes não somente unidade, mas também a complementação entre teoria e prática. Resultou desta investigação ainda que a *práxis* tem, no processo intersubjetivo da conscientização, um importante fundamento para a superação do preconceito de que a filosofia é atitude também dos simplórios e não somente de uma classe de privilegiados intelectuais. Em nosso entendimento, a filosofia como *práxis* tem a finalidade de contribuir com o processo de formação humana, na perspectiva de sua emancipação como sujeito histórico. A questão singular é que, historicamente, a filosofia tem uma relação indissociável de processos formativos. “[...]Tanto na antiguidade grega como na Modernidade alemã, praticar a Filosofia é imergir na paideia, na *bildung*, formar-se a si mesmo na constituição de uma cultura geral” (GALLO, 2016, p. 21).

## 2 Somos todos filósofos: os objetivos da transformação

Um dos maiores desafios dos dias atuais é destruir o preconceito de que a filosofia seja algo difícil (GRAMSCI, 1987), por isso mesmo, que ela seja sem sentido para a transformação social. Da mesma forma, é

importante perceber que existem barreiras em encarar o filosofar não tão somente uma atividade relegada a intelectuais renomados das universidades, com suas construções abstratas e sistemáticas. Torna-se relevante, portanto, o trabalho de mostrar, a partir de elementos concretos, que todos nós somos espontaneamente “filósofos”, nos aspectos pertinentes à linguagem, ao senso comum, à religião popular (GRAMSCI, 1987), à conscientização (FREIRE, 2008) e apresentar aportes alternativos, na superação dos empecilhos preconcebidos.

Com o diálogo (FREIRE, 2011) é possível trazer elementos novos concretos na superação das barreiras que impedem o avanço da conscientização de que a filosofia faz parte da vida cotidiana e que permeia todas as relações e atitudes presenciais na realidade social. Neste sentido, outros fatores são fundamentais no planejamento de estratégias viáveis para superação das etapas básicas, que levam à composição de um novo cenário filosófico. Deste modo a criticidade, a dialética e a esperança (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008) são esses focos de claridade que iluminam novas concepções de mundo, superando os limites interpostos entre os objetivos e as metas.

Esses feixes de luz filosóficos são produzidos e desenvolvidos principalmente – não exclusivamente – na atividade intelectual realizada na universidade. Esta precisa aparecer cada vez mais como o espaço, ou melhor, a instituição oficialmente posta e criticamente organizada, que por excelência dê, aos sujeitos envolvidos no processo da composição do conhecimento, as possibilidades de “refletirem a realidade na qual estão inseridos, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para transformá-la” (MOREIRA, 2008, p. 105). A isso chamamos de criticidade dialógica, pois é uma prática construída nas relações entre sujeitos, que processualmente ilumina novas formas de entender o mundo e superar os preconceitos.

Esta nova abordagem a ser construída parte do princípio da realidade dos seres humanos desumanizados (ZITKOSKI, 2008), lançando questionamentos que visam romper com as práticas impositivas e excludentes. Ao invés de destruição, subentendida na ideia de ruína e caos, propõe-se a estruturação do mundo sociocultural, defendendo a importância da participação coletiva em toda a obra histórico-filosófica e para construir é preciso transformar, isso faz parte da natureza humana e impulsiona a vida no seu desenvolver criativo. Como afirma Freire.

Homens e mulheres da história, vimo-nos tornando animais deusas especiais: inventamos a possibilidade de nos libertar na medida que nos tornamos capazes de nos perceber como inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão [...] não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo (1994, p. 100).

A reunião de sujeitos capazes de diálogo, para afirmação de uma nova agenda de discussões filosóficas, indica não somente a negação do estado das coisas como são, mas, principalmente, o crescimento dos elementos que agem como contraposição, na formação da nova realidade. Assim surge a esperança processualmente mantida na realização do “inédito viável ou sonho possível” (STRECK, 2008, p. 171) e aparece como condição imprescindível de superação dos desafios postos ao filosofar dos seres humanos, formando um dos pontos-chave do nosso endereçar-se rumo à compreensão da realidade. E o filosofar caracteriza Ghedin (2008, p. 87), “instituído-se como conhecimento, ação, criação e pensamento, possibilita-nos a filosofia”. E todos somos capazes de esperar, portanto, todos somos capazes de, ao destruir preconceitos, também filosofar.

### **3 A linguagem e a filosofia popular: uma nova metodologia**

Linguagem é também expressão, seja ela gestual, simbólica ou oral, e carrega consigo intrinsecamente a capacidade de construir significados para o emissor e seu interlocutor e *vice-versa*. A linguagem segundo Osowski (2008, p. 252), “é a expressão do conhecimento produzido pelo homem em sua relação sujeito (aquele que conhece) *versus* objeto (aquilo que é conhecido), servindo como forma de comunicação carregada por relações de poder”. Uma sociedade que limita-se ou é arditosamente limitada por grupos de interesse nas suas formas de expressão mantém-se alienada da plenitude processual de sua atividade filosófica significativa.

Se a linguagem é um dos fundamentos da possibilidade de todos sermos filósofos, revelando sua vocação popular, isso não quer dizer que todos já compreenderam o papel central que ela possui, no comprometimento de transformação pela luta de classes.

Como expressão do conhecimento filosófico, a linguagem põe-nos importantes questões: Qual conhecimento é expresso no ato de significar o mundo na filosofia? Quem são os produtores do conhecimento filosófico?

Quais realidades interpelam o agente filosófico? São questionamentos que desafiam a busca de superação dos preconceitos que reclusam a filosofia nos campos da seletividade ligada a alguns atores chamados filósofos de profissão.

Para Gramsci (1987) a demonstração da realidade de que todos são filósofos encontra-se na definição dos limites e das possibilidades da filosofia espontânea contida na linguagem, e isso diz respeito a todas as pessoas. A filosofia contida na linguagem, neste sentido, “é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo” (GRAMSCI, 1987, p. 11).

Aprofundando o sentido desta concepção gramsciana, pode-se dizer que o fundamento da expressão do conhecimento será sempre o resultado de uma manifestação da atividade intelectual impregnada de uma visão de mundo. É neste sentido que aparecem espaços para englobar as contribuições expressivas da filosofia popular, no bojo da história filosófica, viabilizando a atenção às atividades intelectuais desconhecidas dos sistemas e até mesmo desligadas dos parâmetros moldados, de acordo com os cânones clássicos.

Ao desenvolver esta reflexão crítica sobre a questão da superação do preconceito de que todos somos filósofos, percebemos que isto de fato se apresenta em duas dimensões: a do direito e do dever de se constituírem seres humanos empenhados na cidadania. Não há o exercício da filosofia sem a participação cidadã de todos os filósofos populares. Isso, que definimos como quebra dos paradigmas vigentes, inaugura o novo saber que permeia o conhecimento e sua expressão, ou seja, o saber conhecido e abordado como possibilidade de mudança.

Podem até surgir a este ponto as velhas barreiras da ironia e do sarcasmo tolhendo os impulsos da criatividade, mas isso não quer dizer que o preconceito prevalece sobre a demonstração da possibilidade de que todos somos filósofos, se rompermos os limites da definição do que é ser filósofo. A destruição do preconceito passa, necessariamente, pelo cansaço repetitivo e convicto em afirmar que incluir e estender a compreensão é possível, principalmente, se houver comprometimento com as formas coletivas de transformação do mundo, se houver a constituição de uma nova realidade, que sirva de expressão do saber renovado.

Enquanto alguns poucos querem relegar a atividade filosófica ao campo do “atraso imobilizador do conservadorismo” (FREIRE, 2014, p. 62),

mantendo altas as linhas do preconceito, a consciência da filosofia, arraigada nas características próprias da linguagem, demonstra a importância do movimento dialético-crítico sobre questões deixadas de lado e a radicação da filosofia popular sobre seu ambiente original, que são as lutas, o diálogo, os movimentos sociais organizados e a conscientização libertadora sobre a possibilidade de um outro mundo possível.

A questão central, afirma Freire (2011, p. 20), é que “ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo. Nesse processo de intersubjetivação das consciências, “o diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana” (FREIRE, 2011, p. 22).

#### **4 O senso comum e a superação do preconceito**

Neste ponto do trabalho de investigação, cabe um esclarecimento importante. Existe sim uma distinção, mas não uma separação entre “filosofia científica” e “filosofia vulgar” (GRAMSCI, 1987), isso porque a filosofia “difícil” é, em si, um composto sistemático de ordem intelectual, que nem a religião nem o senso comum podem ou pretendem ser. (GRAMSCI, 1987). Isso não resulta, porém, em uma determinação ou delimitação na ordem da ação concreta de cada sujeito. Mesmo que o senso comum não seja filosofia nos moldes científicos, isso não nos habilita a afirmar que ele não seja em si uma concepção de mundo, que impulsiona o agir e, neste caso, possua elementos de filosofia. A questão fundamental que precisa ser entendida, para superar o imediatismo, é que “o filosofar pressupõe a consciência de que estamos enraizados em problemas que a condição humana apresenta” (OLIVEIRA, 2006, p.14).

O que queremos afirmar é que “não existe filosofia em geral: existem diversas filosofias ou concepções de mundo, e sempre se faz uma escolha entre elas” (GRAMSCI, 1987, p. 14). Isso possibilita dizer que, quer individualmente, quer coletivamente, os sujeitos têm uma concepção de mundo pautada em seu agir, indicando que, até mesmo no campo da filosofia vulgar, somos todos filósofos.

Porém, vale destacar que a filosofia pode ser compreendida como forma de vida e orientação de mundo. Neste aspecto, Dalbosco (2016, p. 46) destaca que “o núcleo da filosofia como forma de vida repousa na noção de cuidado de si que se efetiva por meio do exercício permanente que o sujeito precisa fazer sobre si mesmo visando sua própria transformação”. Isso faz

compreender que, para produzir a superação da concepção de filosofia alicerçada no preconceito implica problematizar a forma como a filosofia se desvela para o sujeito.

Portanto, é o ato de envolver-se no processo do diálogo, na forma de pergunta, que impulsiona o sujeito a desvendar o contexto social, tendo em vista que é a condição social de opressão que constitui o ponto de partida da reflexão. A pergunta filosófica constitui-se instrumento indispensável para a formação, libertação e superação do pensamento preconceituoso de filosofia desconectada da vida. Nessa questão, Semeraro (2009, p.158) nos ajuda com a reflexão de que “são os oprimidos o lugar a partir de onde se pensa, o terreno concreto a partir do qual se formulam as questões fundamentais de ordem ética, política, econômica, lógica, epistemológica e cultural”, porque o mais original nesse processo é a libertação dos oprimidos.

Assim, os desafios que os caminhos verdadeiros podem nos apresentar (FREIRE, 2015), na superação do preconceito de que filosofia deve ser unicamente uma atividade estritamente sistematizada, depara-se também com a ideia que o povo faz de filosofia (GRAMSCI, 1987).

Neste sentido, é importante destacarmos que para discutir e desmistificar a percepção que permeia no imaginário simbólico de muita gente, de que a filosofia é uma atividade intelectual descolada da realidade cotidiana. Ilustramos a reflexão com o recorte de uma pesquisa, realizada em abril de 2017, com jovens de uma escola de Ensino Médio, por um professor do sistema estadual de ensino do Paraná, que concluiu que 83% entre os 100 alunos sorteados que responderam aos questionários, acreditam que a filosofia “é muito difícil” e “não serve pra nada” (LEMES, 2017). Esses dados apontam que o preconceito está arraigado na própria concepção comum do que seja filosofia, tornando necessárias as vias que se ofereçam como superação dialética desta realidade.

Em estreita relação com os dados apontados na investigação acima, à pergunta “qual é a ideia que o povo faz de filosofia?” (GRAMSCI, 1987, p. 15), o pensador italiano responde que uma das expressões mais difundidas é a de “tomar as coisas com filosofia” (GRAMSCI, 1987, p. 15). A conclusão fundamental que ele apresentou, porém, é que esta expressão, implicitamente, está carregada por uma dualidade, ou seja, ao mesmo tempo que convida à resignação e à paciência, incorpora também um fundo reflexivo e conscientizador, de que os acontecimentos revestem-se do aspecto



racional e que “assim deve ser enfrentado, concentrando as próprias forças e não se deixando levar pelos impulsos instintivos e violentos” (GRAMSCI, 1987, p. 16).

Esse segundo aspecto, no entanto, não pode ser destituído da dimensão histórico-social que os sujeitos herdaram e adquirem no decorrer da existência. Para sermos racionais, precisamos ser radicados na história e esta não pode ser compreendida, se operarmos uma separação da filosofia. Embora compreendemos que a filosofia se estrutura, a partir de uma rigorosidade metodológica e rigor conceitual, ela constitui-se como práxis que orienta a ação do sujeito no mundo, por isso uma atividade humana ao alcance de todos.

A concepção de mundo, radicada no senso comum e que devidamente respeitada e trabalhada crie o sentido de comprometimento com a transformação do mundo onde o sujeito vive e participa, leva-nos à conclusão de que a proposta gramsciana de superação do preconceito de que filosofia é coisa difícil, é um desafio, mas não intransponível, e que o redimensionamento dos limites que intrapolem a filosofia no cárcere da unilateralidade abstrata e sistemática, nos permite dialeticamente atingir concretamente a realidade histórico – concreta de que todos somos filósofos.

Em síntese, como Luckesi e Passos (1995, p. 90), “podemos afirmar que a filosofia é uma forma crítica e coerente de pensar o mundo, produzindo um entendimento de seu significado, formulando, dessa forma, uma concepção geral desse mundo, uma cosmovisão da qual decorre uma forma de agir”.

## **5 A superação do preconceito à filosofia: uma discussão possível**

Diante do quadro compreensivo que viemos traçando, torna-se necessário apresentar a perspectiva de que na sua inteireza englobe os aspectos anteriores, dando-lhes não somente unidade, mas também respiro teórico e prático permanente. Esse movimento é tão necessário quanto a conscientização da amplitude da questão a que nos propomos investigar. O fio condutor da práxis encontra, no processo intersubjetivo da conscientização dialogal, sua mais importante base de superação do preconceito de que a filosofia não convém aos simplórios (GRAMSCI, 1987), mas a uma classe de privilegiados intelectuais.

Um dos primeiros riscos, contudo, em apresentar o processo concreto de conscientização das causas do preconceito de que todos somos filósofos,

isso como vimos, arraigado no senso comum e na linguagem, encontra-se na projeção do processo para além de seus próprios limites. A respeito deste ponto, nos alerta Freire (2015, p. 54) de que “a primeira afirmação que devo fazer é a de que não há prática, não importa em que domínio, que não esteja submetida a certos limites”. É neste sentido que não podemos esquecer que o processo conscientizador é uma *práxis*, então ele precisa necessariamente complementar-se com os elementos históricos, culturais e até mesmo com os limites e as possibilidades da natureza e do ambiente. Portanto, ainda que sustente e dê unidade a uma ampla gama de questões, não pode pretender apresentar-se como único portador de solução ao preconceito de que estamos tratando.

Feita a devida ressalva, no nosso ponto de vista, porém, concordamos com Turnil (1981) de que esse processo de conscientização, organizado nas atividades sociais, é extremamente útil para levar as pessoas a se situarem dentro do movimento crítico de mundo. Essa proposta prevê e organiza uma profunda transformação operada como movimento de dentro pra fora, ou seja, não é a constatação da ideia de que a filosofia seja coisa difícil, mas, sim, cabe ver criticamente o mundo e nele participar da elaboração de uma nova base de onde surgirão os novos conhecimentos filosóficos.

É somente nesta perspectiva que a filosofia se torna popular, não porque existem afirmações idealísticas sobre quais são suas características e/ou como ela deveria ser, mas pelo contexto real que ela, no seu constituir, de fato é. Por isso, afirma Turnil (1981, p. 157) “toda consciência decorre de uma realidade concreta. Isto é, não se pode viver inconscientemente”.

Queremos dizer com isso que o preconceito é uma realidade concreta, mas muitas vezes tratado de forma idealista, portanto permanecendo presente, mesmo que seja criticado. Essa constatação leva-nos a outro desafio, ou seja, mudar a situação histórica, cultural e geográfica que tomamos como referência para considerar o fazer filosófico. Ainda que sejam importantes filósofos e filosofias compostas no além fronteiras, através desta investigação percebemos que os preconceitos existem e são potencializados, também, porque o contexto problematizado não baseia-se nas questões ligadas à vida concreta dos sujeitos.

Isso porque as pessoas travam relações com o mundo concreto e “nestas relações com a realidade e na realidade, trava o homem uma relação específica – de sujeito para objeto – de que resulta o conhecimento, que

expressa na linguagem” (FREIRE, 2009, p. 113). E o mais importante saber é que “essa relação, como já ficou claro, é feita pelo homem, independentemente de se é ou não alfabetizado. Basta ser homem para realizá-la” (FREIRE, 2009, p. 113). Daí pode-se concluir que não há “ignorância absoluta, nem sabedoria absoluta” (FREIRE, 2009, p. 113). Corrobora-se então o que defendemos, ou seja, sendo filosofia na sua etimologia *amizade à sabedoria* e não existindo sábios ou ignorantes absolutos, podemos pela consciência da realidade afirmar que todos somos filósofos.

No movimento de superação do preconceito da função social da filosofia, a consciência crítica institui-se como método de formação. Fundamentados nesse pressuposto é que se entende que “a filosofia conduz a uma nova maneira de ver o mundo” (DALBOSCO, 2016, p. 52), porque passa a atuar como instrumento de mediação, que proporciona a ampliação do modo de perceber e pensar o mundo. E essa “nova maneira de pensar proporcionada pela formação filosófica caracteriza-se então pelo ver e julgar vagarosos e pelo agir prudente, visando ao bem, e não mais movida pelo espontaneísmo da consciência dogmática que conduz ao imediatismo da ação (p. 52).

## 6 Considerações finais

Frente à problemática apresentada na reflexão ao longo deste texto, chegamos assim a uma provisória conclusão que precisa ser ampliada por outros estudos. Estamos conscientes, porém, de que esta investigação apresenta vias possíveis de superação do que percebemos ser preconceito em filosofia, perpetrado, principalmente, como vimos, pela difusão idealista de distorções do real papel do filosofar. Quem são esses perpetradores? A resposta a esse questionamento seria assunto para mais uma pesquisa, o que não corresponde aos objetivos desta investigação. Podemos dizer, no entanto, que o campo de superação do preconceito não pode estar imune aos desafios que a realidade concreta nos aponta. É necessário correr o risco de destruir o preconceito de que filosofia seja coisa difícil e apresentar propostas coerentes, que ajudem a sociedade a perceber-se coletivamente como comunidade filosófica.

Da mesma forma que caracterizamos que todos somos filósofos, para não incorrer no empobrecimento da reflexão filosófica, é fundamental compreender que a filosofia é uma atividade humana que se “apresenta

como uma estrutura teórica, conceitual, mas não está desvinculada da prática, da vida, da realidade, na medida em que nela que se fundamenta” (OLIVEIRA, 2006, p.13). Isso significa que todos nós poderemos desenvolver atividade filosófica, mas sem furtar a rigurosidade que lhe é peculiar, porque a filosofia é “um certo modo de se espantar, de se admirar, de se surpreender diante do real, de apreendê-lo como diferente, de chamar a atenção para o que muitas vezes não tem visto nem dito” (COÊLHO, 2010, p. 35). Por isso a filosofia se apresenta como difícil, porque ela é um pensamento que não se reduz à realidade imediata, tampouco a lógica da produtividade que desvaloriza e desqualifica a atividade do fazer filosofia.

Portanto, frente a toda reflexão produzida por nós, ainda fica uma questão para ser elucidada com mais profundidade, em outro momento. Qual a razão fundamental que tem determinado a negação da capacidade humana de pensar filosoficamente? A quem interessa mitificar a capacidade humana de admirar e compreender o mundo como possibilidade de produzir a emancipação humana? A questão central é que a reflexão filosófica é fundamental para que o sujeito possa sair de sua condição de oprimido, visando a “conquistar a hegemonia, dedicar-se a elaborar uma concepção própria de mundo, ou seja, uma filosofia capaz de confrontar e superar o pensamento imposto pelos dominantes” (SEMERARO, 2009, p. 157). Essa é a hegemonia que precisa construir a classe popular, uma concepção de poder como libertação e emancipação humana.

## Referências

- DALBOSCO, C. A. Filosofia da educação como forma de vida e orientação de mundo. *In: SEVERINO, Antônio Joaquim; LORIERI, Marcos A.; GALLO, Sílvio (org.). O papel formativo da filosofia.* Jundiaí: Pacto Editorial, 2016. p. 52-68.
- COÊLHO, I. M. Filosofia e educação. *In: PEIXOTO, Adão José (org.). Filosofia, educação e cidadania.* 3. ed. rev. Campinas, SP: Editora Alínea. 2010. p. 19-70.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 51. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. *Política e educação: ensaios.* Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.* Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.

- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Centauro, 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- GALLO, S. A filosofia e as novas fronteiras da formação. In: SEVERINO, Antônio Joaquim; LORIERI, Marcos A.; GALLO, Sílvio (org.). *O papel formativo da filosofia*. Jundiaí: Pacto Editorial, 2016. p. 21-29.
- GHEDIN, E. *Ensino de filosofia no ensino médio*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 7. ed. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- HORN, G. B. *Ensinar filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos*. 2. ed. rev. e ampl. Curitiba, CRV, 2017.
- LEMES, P. A. *Pra que serve a filosofia?*. Ivaté: CERC. Não publicado.
- LUCKESI, C. C.; PASSOS, E. S. *Introdução à filosofia: aprendendo a pensar*. São Paulo: Cortez, 1995.
- MOREIRA, C. E. Criticidade. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- OLIVEIRA, I. A de. *Filosofia da educação: reflexões e debates*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- OSOWSKI, C. I. Linguagem. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SEMERARO, G. *Libertação e hegemonia: realizar a América Latina pelos movimentos populares*. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2009.
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- STRECK, D. R. Esperança. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- TURNIL, B. S. O método de conscientização de Paulo Freire. In: TORRES, Carlos Alberto. *Leitura crítica de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1981.
- ZITKOSKI, J. J. Dialética. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

---

Submetido em 11 de junho de 2019.  
Aprovado em 30 de dezembro de 2019.